

VII Seminário FESPSP – “Na encruzilhada da democracia:
Instituições e Informação em tempos de mudança”

24 a 28 de setembro de 2018

GT 13: Marcadores sociais da diferença em articulação

**Articulações entre gênero e sexualidade nas produções
artísticas-musicais de Linn da Quebrada**

Rafael Pinheiro Souza (FESPSP)¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo uma breve descrição sobre a artista multimídia contemporânea Linn da Quebrada. Compreende-se as produções dessa artista atravessados (e mobilizados) pelos marcadores sociais da diferença, além de contribuições significativas de suas músicas em uma esfera atual acadêmica, sobretudo a aproximação com os estudos de gênero e *queer*. A análise artística-musical de Linn da Quebrada será pautada, especialmente, através de seu primeiro álbum de estúdio intitulado *Pajubá* (2017), evidenciando suas vivências politizadas, ressonâncias de enfrentamento normativo, percebendo suas composições e aparições em um debate mais amplo, aproximando e intercalando gênero, sexualidade, e sua proposta artística de desconstrução identitária e corporal.

Palavras-chave: Linn da Quebrada; Produção Musical; Sexualidade; Gênero.

¹ Graduado em Comunicação Social pela Universidade Paulista (2010), pós-graduado em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2018) e pesquisador nas áreas de gênero, sexualidade, estudos *queer* e arte contemporânea.
E-mail: rafael.pinheiro@outlook.com.br

*“Não me reconheço, necessariamente,
nem enquanto homem nem enquanto mulher.
Entre ser homem e ser mulher,
prefiro ser eu, em toda a minha complexidade”*
(Linn da Quebrada,
“Bixa, Preta TRÁ TRÁ TRÁ e Transviada”, 2018)

Introdução

Nas últimas décadas, em especial nos anos 2000, a expansão das investigações sobre sexualidade (Simões & Carrara, 2014), gênero e a crescente politização dos estudos *queer* – e sua articulação com múltiplas áreas de pesquisa (como sociologia, antropologia, educação, filosofia, sexualidade, psicologia, entre outras) possibilitaram reflexões e densos desdobramentos que atingem um questionamento contemporâneo: o controle da singularidade dos corpos.

No viés do enfrentamento normativo, heteronormativo e na viabilidade de discussão acerca da pluralidade de corpos – tanto no campo da sexualidade como do gênero – emergiram diversas produções acadêmicas brasileiras, traduções de obras internacionais expressivas, bem como bibliografias relevantes em saberes transdisciplinares. E, paralelo à extensão teórica, vislumbramos diversas manifestações sociais para além de uma lógica binária, com repercussões e discursos *queer*.

Assim, este trabalho pretende analisar, de maneira sucinta, o aparecimento da artista multimídia Linn da Quebrada que, em sua produção musical, não se identifica, de certa forma, com as divisões masculino/feminino – mas que explora, sob os impactos de potências políticas de resistências, evidenciando (e confrontando) em suas performances artísticas, nas letras das músicas, nas falas e nas linguagens visuais uma agência que se aproxima das políticas das diferenças.

Penso que nas políticas das diferenças os cruzamentos, trânsitos, mudanças, recriações estão sempre sendo incentivados e verificados na prática cotidiana. [...] no campo das sexualidades e dos gêneros, em específico, existem variadas formas de sermos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexos, homens e mulheres. Como podemos dizer então que somos todos iguais, reunidos em torno de um número pequeno de identidades? (COLLING, 2013, p. 410).

Tendo o corpo como um espaço de densidade política, o intuito de Linn – e de tantas/os outras/os que emergem no cenário musical brasileiro, como o *soul* de

Liniker; o *rap* de Luana Hansen; a MPB de As Bahias e a Cozinha Mineira, comandado pelas transexuais Raquel Virgínia e Assucena Assucena; o *hip hop* da *drag queen* Glória Groove; o *funk* da travesti Priscilla Nogueira (conhecida como Mulher Pepita); o *funk* da MC Trans; são alguns dos muitos exemplos – perpassa a recusa do silenciamento das diferenças e da negativa adaptação às formas de identidades sexuais (que compõem as aglutinadas siglas do movimento social LGBT² brasileiro), incorporando em si uma política da diferença ou de “multidões *queer*”, como chamou Paul B. Preciado (2011).

Segundo o filósofo Preciado, os movimentos *queer* representam o transbordamento da própria identidade homossexual por suas margens: “viados, maricas, boiolas, transgêneros, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras e chicanas, e um interminável etc.” (PRECIADO, 2010, p. 51). Esse horizonte de possibilidades e a dinâmica da construção discursiva de gênero e de sexualidade, estabelece contextos sociais em mutação, (trans)formação e descobertas significativas de pluralidades de desejos e identidades. “Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18).

Almeja-se, neste trabalho, entrecruzar perspectivas dos marcadores sociais da diferença³ com as produções artísticas-musicais de Linn da Quebrada e suas contribuições significativas e contestadoras às práticas/pensamentos binários-regulatórios.

Transviada periférica

Nascida em 18 de julho de 1990, Lina Pereira (o nome de Linn da Quebrada) se autodenomina como uma “artista multimídia e bixa travesty” em seu site⁴ e também em suas redes sociais (*Twitter*⁵ e *Facebook*⁶). A aparência da artista está

² Optou-se a utilização da sigla LGBT, como o movimento social geralmente a utiliza. Porém, é possível encontrar outras formas de siglas, como LGBTTTIQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexos e *Queer*), LGBTTT, LGBTQIA+ ou LGBT*.

³ Sobre marcadores sociais da diferença, Colling sintetiza: “A expressão tem sido utilizada nos estudos para se referir a todas as especificidades que constituem as nossas identidades, por exemplo ser negra (‘raça’/etnia), pobre (classe), moradora da periferia (território onde vive), doméstica (trabalho), adolescente (faixa etária) etc” (COLLING, 2013, p. 406).

⁴ Disponível em: <www.linndaquebrada.com>. Acessado em: 11/09/18.

⁵ Disponível em: <www.twitter.com/linndaquebrada>. Acessado em: 11/09/18.

⁶ Disponível em: <www.facebook.com/mclinndaquebrada>. Acessado em: 11/09/18.

sempre em transformação: seus cabelos estão raspados (mas já foram compridos, curtos, volumosos, trançados e coloridos); a maquiagem distribuída ressalta sua beleza, uma “pele de princesa”, como ela diz; o vestuário que cobre seu corpo é desconstruído, fluido, e não pertence, necessariamente, a nenhuma categoria de gênero; nos acessórios, adornos nas orelhas, pulseiras, correntes, além dos eventuais saltos altos e botas até os joelhos; as diversas tatuagens completam a simbologia de sua aparição – como nos dedos das mãos os dizeres “bixa loka”; “ELA” escrito sobre sua sobrancelha; uma espécie de arame farpado no topo de sua testa, entre outras.

Lina atravessou sua infância entre as cidades de Votuporanga e São José do Rio Preto, ambas na Grande São Paulo. Em uma família simples e com uma formação religiosa (ligada à denominação Testemunha de Jeová), Lina foi criada, até os 12 anos, por uma tia “porque minha mãe precisava trabalhar e não pôde me criar. Tive um pai ausente, que me abandonou aos 5 anos” (QUEBRADA, 2018, p. 75) e aos 12 anos foi morar com a mãe, em São José do Rio Preto. No seu aniversário de 17 anos ousou experienciar em seu corpo, através de aparatos categorizados como femininos e do universo competente à feminilidade, hábitos de “montação”, de performar uma identidade sexual/visual.

Comecei a viadagem no meu aniversário de 17 anos. Eu trabalhava em um salão de cabeleireiro lá em São José do Rio Preto, daí eu me montei com uma travesti que trabalhava comigo, mas eu era testemunha de Jeová. Então eu saí, fui para uma boate, montada, e quando eu voltei joguei tudo embaixo da minha cama, escondido, porque nem minha mãe sabia que eu era viado, nem nada. Só que na mesma semana, descobriram, disseram que me viram saindo de uma balada, vestido de mulher, daí eu fui desassociada, fui expulsa da Igreja, porque uma maça podre pode contaminar as outras (FERA, 2016, s/n).

Chegando à capital paulista, em 2010, explorou as potencialidades de seu corpo e as intervenções em seu ciclo, nos espaços habitados e, não obstante, nos efeitos significativos de transitar, transmutar e transbordar em si fronteiras de identidades e desejos considerados intransponíveis e – até então – proibidos. Lina transitou entre criações artísticas na dança, performances e estudos no teatro (cursando a Escola Livre de Teatro de Santo André, Grande São Paulo), descobrindo, então, outras possibilidades e movimentações corporais. “Entendo quantas outras potências meu corpo possui. Essa foi a grande chave que foi virada, quando eu fui entendendo quantas mais eu poderia ser” (QUEBRADA, 2018, p. 76).

Nessa compreensão do corpo como um processo vivo, Lina participou de trabalhos interessantes no limiar entre teatro e performance, como: a performance “DPósito” (2014); o espetáculo “É pra copiar ou reescrever?” (2015), dirigido por ela e Thiago Felix; e a performance “Contar os corpos e sorrir?” (2016), feita pelo Coletivo Friccional, grupo que a artista integrava à época.

Em abril de 2016, Lina assume Linn da Quebrada (que começou utilizando o nome artístico de MC Linn da Quebrada) que, segundo a artista, não é “nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero”.

Eu já estava fazendo teatro, experimentando o corpo com performance e outras coisas, e a Linn [da Quebrada] nasce em abril do ano passado [2016]. Eu estava investigando, fazendo perguntas e encontro a música como possibilidade de comunicação, ferramenta de acesso a outras pessoas. Na época, eu estava estudando na Escola Livre de Teatro e morando com a Liniker. Percebi a potência que a música possibilitava e começo a escrever coisas, mostrar para as pessoas. Até que surgiu a possibilidade de se apresentar num festival chamado *Periferia Trans* no Grajaú, em São Paulo. Não parei mais. Ainda que não tivesse domínio de produção musical, eu estava fazendo isso de forma muito impulsiva. Pegava as bases que eu encontrava na internet, até que conheço Luana Hansen, rapper, feminista, da quebrada de São Paulo e produzimos *Enviadescer*. A Linn da Quebrada nasce da rede de apoio, de união, da parceria com pessoas (TRÓI, 2017, s/n).

O primeiro semestre de 2016 correspondeu à introdução de Linn da Quebrada na música, registrando seu primeiro videoclipe na plataforma *YouTube* com a música “Enviadescer”. O vídeo, publicado em 25 de maio de 2016, ultrapassando 670.000 visualizações, percorre as ruas do bairro na região leste da capital paulista e envolve um grupo de pessoas que dançam e interagem com a artista. A letra de “Enviadescer” é, na verdade, uma significativa discussão aos papéis sociais (e sexuais) que cercam os sujeitos. Na fala de Linn, o “macho discreto” – ou seja, os atributos hiper masculinizados em identidades de homens homossexuais, que negam, em todas as instâncias, possíveis “afetações” advindas do feminino (ou de esferas pertencentes à feminilidade), não projeta nenhum interesse ou resquício de desejo:

Hey, psiu / Você aí / Macho Discreto / Chega mais, cola aqui, vamo bater um papo reto / Que eu não tô interessada no seu grande pau ereto / Eu gosto mesmo é *das bicha!* / *Das que são afeminada* / Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada / Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender: Se tu quiser ficar comigo, boy / Hahahahaha / Vai ter que enviadescer, enviadescer, enviadescer / Ai, meu Deus, o *que é que é isso que essas bicha tão fazendo?!* / Pra todo lado que eu olho tão *todes enviadescendo* / Mas não tem nada a ver com gostar de rola ou não / Pode vir, cola junto as transviadas, sapatão / Bora enviadescer, até arrastar a

bunda no chão / lh, aí, as *bicha* ficou maluca! / Além de Enviadescer tem que bater a bunda na nuca! (Letra na íntegra de “Enviadescer”⁷).

No segundo semestre de 2016, a artista lançou o videoclipe “Talento”⁸ e, no início de 2017, a música “Bixa Preta”⁹. O lançamento de seu primeiro álbum de estúdio, intitulado *Pajubá*, ocorreu em 05 de outubro de 2017, produzido através de um financiamento coletivo realizado pelo site *Kickante*¹⁰. Segundo a artista (QUEBRADA, 2018, p. 84), o álbum leva esse nome, pois “a língua usada no meio LGBTQI é o *pajubá*, de origem afro-brasileira, vem do candomblé e também de outros lugares, mas principalmente as travestis e as bixas usam para se comunicar”.

Atingindo o montante de \$49.980, o disco com 14 faixas¹¹ foi definido pela artista como “plural, *afro-funk-vogue* experimental”. O álbum, gravado no Estúdio YB Music em São Paulo/SP entre os meses de julho e agosto de 2017, teve, em sua construção, a direção musical de BadSista, a participação da artista Jup do Bairro e do percussionista Valentino, além de participações especiais, como: Gloria Groove na faixa “Necomancia”; Mulher Pepita na faixa “Dedo Nucué”; e Liniker na música “Serei A”. Em seu site, Linn discorre sobre as músicas do álbum:

Minha música é o jeito que encontrei para sustentar em mim a força desse feminino e ao mesmo tempo provocar um novo imaginário e novas potências para *corpos feminilizados*. *Estivemos sempre de joelhos dobrados nessa sociedade, senão diante da oração, da ereção*. Em *Pajubá* eu refaço tudo isso: tiro o macho do centro e dou o foco total aos corpos de essência feminina e a seus desejos (QUEBRADA, 2017, s/n, grifos meus).

Filha de empregada doméstica, “alagoana arretada, faz das tripas o coração, lava roupa, louça e o chão, passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão”, como ela canta em “A Lenda”, Linn da Quebrada mobiliza em suas produções artísticas – tanto no palco, como nas canções, performances, aparições, discursos e projetos audiovisuais – marcações potentes que compõem (e questionam) rupturas e problematizações que envolvem o corpo como instrumento político, a dicotomia entre feminino/masculino, o desejo sexual, os marcadores sociais da diferença, a

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>>. Acessado em: 11/11/18.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hkAHuRPGgNk>>. Acessado em: 11/11/18.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>>. Acessado em: 11/11/18.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>>. A campanha recebeu todas as arrecadações até 10 de junho de 2017. Acessado em: 20/11/18.

¹¹ 1. (Muito +) Talento (2:58); 2. Submissa do 7º Dia (3:35); 3. Bomba pra Caralho (2:13); 4. Bixa Travesty (2:38); 5. Transudo (3:32); 6. Necomancia feat. Gloria Groove (4:07); 7. Coytada (2:54); 8. Pare Querida (2:57); 9. Dedo Nucué feat. Mulher Pepita (4:02); 10. Enviadescer (4:06); 11. Pirigoza (2:52); 12. Tomara (3:06); 13. Serei A feat. Liniker (4:18); 14. A Lenda (3:18)

tensão do sistema “ou ‘cis’tema¹², que é patriarcal, heteronormativo e branco” (MOREIRA, 2018, p. 20) e suas vivências no território do feminino.

É esse território – um amplo território, assim como existem muitas formas de mulheridades, de ser mulher, muitas formas também de ser homem, e existem muitas outras formas de existir sem ser necessariamente mulher ou homem – que causa uma confusão entre as pessoas. *E é esse o lugar que eu ocupo, me reconheço e que é o lugar da transição. Ser trans para mim não é necessariamente ter um ponto de chegada. Eu vivo um processo, meu corpo enquanto um processo. Não sei exatamente aonde quero ir, onde vou chegar com este corpo. [...] mais do que certezas, o que carrego comigo são dúvidas. O poder da incerteza* (QUEBRADA, 2018, pp. 77-78, grifos meus).

Através dessa fala, é possível refletir sobre os questionamentos que tangem conceitos acerca do gênero e do corpo feminino. Apoiando-se na pergunta central “o que é uma mulher?”, que levou Simone de Beauvoir a escrever *O Segundo Sexo* ([1949] 2009), aqui tomamos novas vertentes e intervenções que imbricam indagações contemporâneas, como a questão de gênero – a visão determinista biológica dos sujeitos; a mediação incisiva cultural na composição de corpos; e a diretriz sexual, bem como seus desejos, a percorrer trajetórias arquitetadas a cada gênero.

O reconhecimento físico/biológico e, sobretudo a observação da genitália, configurou e desenhou as estruturas possíveis aos corpos que transitavam nas diferentes sociedades. Aos homens – e suas respectivas características masculinas – a definição de um “ser humano absoluto”. Às mulheres – e seus peculiares traços femininos – a posição secundária, coadjuvante, o “segundo sexo”. “A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la” (BEAUVOIR, 2009, p. 35).

Nesse processo de distinção, os valores culturais constroem e reproduzem anseios diferenciados em homens e mulheres através de seus respectivos gêneros, compreendendo, então, proporções visíveis e simbólicas, instaurando e (re)afirmando as diferenças sexuais articuladas a outros aspectos e participando, de certa forma, da produção de desigualdades. A definição do conceito de *gênero* implica em densos desdobramentos, movimentos intrínsecos e um emaranhado de ações e pesquisas que atravessam amplas esferas sociais, culturais, econômicas e políticas.

¹² Alusão à expressão *cisgênero*: “pessoas que se identificam com o gênero ao qual foram designadas ao nascer” (MOREIRA, 2018, p. 15).

Segundo a reconstituição histórica feita por Donna Haraway (2004), foi em 1963 que o psicanalista estadunidense Robert Stoller apresentou o termo “identidade de gênero”, no Congresso Internacional de Psicanálise, em Estocolmo, formulando um quadro de distinção entre biologia e cultura, de modo que o sexo vinculava-se à biologia (genes, hormônios, sistema nervoso e morfologia) e o gênero ligava-se à cultura (psicologia, sociologia, educação e todo aprendizado vivido desde o nascimento).

Dessa forma, relacionado a esse debate, e aliado ao desenvolvimento da perspectiva dos papéis sociais, os debates feministas utilizaram o termo *gênero* para deslocar do campo biológico as produções de corpos e imagens que correspondam às expectativas femininas e masculinas, havendo, então, uma diferenciação da categoria sexo. Conforme sintetiza Adriana Piscitelli (2009), o termo *gênero*, elaborado por pensadoras e pesquisadoras feministas, propõe desmontar um processo naturalizante, inato e inerente que as diferenças atribuídas a homens e mulheres recebem.

Quando nascemos somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com os órgãos genitais, como menina ou menino. Mas as maneiras de ser homem ou mulher não derivam desses genitais, mas de aprendizados que são *culturais*, que variam segundo o momento histórico, o lugar, a classe social. Ser mulher de classe alta no Brasil, no início do século 20, pressupunha ser delicada, ficar restrita ao espaço doméstico, ter pouca educação formal, saber bordar e costurar. Hoje em dia, ser mulher pode significar algo bem diferente, e varia muito de acordo com o lugar, a classe social, o momento histórico (PISCITELLI, 2009, p. 124, grifo da autora).

As noções que competem às diferenças estabelecidas entre masculino e feminino, ganharam evidência nas sociedades modernas e contribuíram para que autores e autoras, pesquisadores e pesquisadoras, demonstrassem o caráter cultural, flexível e dinâmico dessas distinções. Nesse sentido, conta a teórica feminista Judith Butler (2015), a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do “humano”. Considerando a interpelação médica, a emergência recente das ecografias gestacionais transforma uma criança, de um ser “neutro”, em um “ele” ou em uma “ela”.

Para Butler (2015), nessa nomeação a garota *torna-se* uma garota, ou seja, é trazida para o domínio da linguagem e acumula, ao longo do tempo, interpelações reiteradas por várias autoridades para reforçar esse efeito naturalizado. “Estas atribuições ou interpelações alimentam aquele campo de discurso e poder que

orquestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito como ‘humano’” (BUTLER, 2015, p. 161).

Que corpos desejar?

Estreitando o olhar sobre os marcadores sociais da diferença, especialmente sobre a inter-relação entre gênero e sexualidade, incorporamos elementos e estratégias políticas que modelam, a partir de múltiplos discursos, normas, regulamentações, expectativas, concepções e construções lícitas que devem ser percorridas por todos os sujeitos em seus circuitos de vida e experimentações dos desejos. Assim, a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política (Louro, 2015) e reflete, em todas as relações sociais, códigos, linguagens, gestos, condutas, convenções e simbologias que produzem “verdades” absolutas em redes heterogêneas.

A admissão ou reconhecimento de uma identidade sexual ou de gênero que não condiz com um caminho dado “natural” ao sujeito, é um ato de transgressão, ruptura de fronteiras e movimentos que, para alguns, pode ser censurado e impraticável. Ou seja, a ideia másculo-homem-macho e frágil-mulher-fêmea propagam, em uma norma legítima, aceitável e “normal”, a matriz heterossexual como prática regulatória. Em nossa sociedade, diz Guacira Lopes Louro (2015), a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada, “serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência” (LOURO, 2015, p. 15).

Tendo o ideal de vivência conduzido por uma norma, a potência da segregação instaura e remodela circuitos habitados por todos e todas, mas, por outro lado, aparecem dinâmicas de resistências, já que, como diz Foucault (2004, p. 268) “se não há resistências, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência”.

É possível localizar, em algumas letras de Linn da Quebrada, movimentos de resistência, apresentando uma “canção crítica”, como diria Santuza Naves (2015). Na letra de “Pirigoza”, por exemplo, a artista propaga uma crítica explícita ao

sistema binário masculino/feminino, assim como a identidade de gênero, como podemos observar no início da música:

Eu quero saber quem é que foi o grande otário / Que saiu aí falando que o mundo é binário, hein / Se metade me quer (ahaam) / E a outra também (Pois é!) / Dizem que não sou homem (xi...) / Mas tampouco mulher / Então olha só doutor / Saca só que genial / Sabe a minha identidade? / Nada a ver com xota e pau, viu?! / Bem que eu te avisei / Vou mandar a real / Sabe a minha identidade? / Nada a ver com genital¹³.

Já na letra de “(Muito +) Talento”, música que abre *Pajubá*, a artista reforça a ideia de “corpos feminilizados”, da celebração do feminino onde quer que esteja, refutando a ideia de “ajoelhar perante o homem e aceitar que o desejo dele esteja em primeiro lugar, que o meu prazer seja apenas o prazer dele” (QUEBRADA, 2018, p. 85). Nessa ideia, esse corpo feminino – destinado apenas ao “sexo escondido”, à solidão e à ausência de afeto – rejeita esse espaço de submissão e do culto ao másculo-homem-macho:

Não adianta pedir / Que eu não vou te chupar escondida no banheiro / Você sabe sou muito gulosa / Não quero só pica / Quero corpo inteiro / Nem vem com esse papo / Feminina tu não come? / Quem disse que linda assim / Vou querer dar meu cu pra homem? / Ainda mais da sua laia / De raça tão específica / Que acha que pode tudo / Na força de Deus e na glória da pica já / Tava na cara que tava pra ser extinto / Que não adiantava nada / Bancar o machão se valendo de pinto / Tu se achou o gostosão, né? / Pensou que eu ia engolir? / Ser bixa não é só dar o cu / É também poder resistir. (Trecho de (Muito +) Talento¹⁴)

Essa ideia de destruição do “espaço sagrado do falo” e seu respectivo império, também aparece nas músicas “Bixa Travesty”, “Transudo”, “Coytada” e “Pare Querida”, como podemos observar nos trechos das letras:

O lance é muito simples / Não tem nenhum mistério / Pode ir saindo com o pau entre as pernas / Acabou o seu império / Tô vendo de camarote o fim do seu reinado / E rindo muito da sua cara / De cãozinho abandonado na verdade eu mudei de ideia / Te fiz uma bela surpresa / Quando tiver indo embora, não esquece / Deixa seu pau em cima da mesa. (Trecho de Bixa Travesty¹⁵)

Nem gasta a sua saliva / Que a mim você não interessa / Eu gosto muito de fuder / Mas gosto de fuder sem pressa!! / Quando eu quero eu dou eu sento eu quico empurro com vontade! / Não sou de contar mentira, mas invento minhas verdades / Tenho pena de você / Com o pau apontado pra própria cabeça / Refém de sua frágil masculinidade. (Trecho de Transudo¹⁶)

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7kZ4Xh0mhik>>. Acessado em: 20/11/18.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iZ19E9OJ6n8>>. Acessado em: 20/11/18.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=re0ZRpQbhdI>>. Acessado em: 20/11/18.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OKjx_IICGUk>. Acessado em: 20/11/18.

Sua bixinha safada / (Tu vai morrer na punheta) / Você só quer dar pras gay bombada / (Tu vai morrer na punheta) / E eu sou muito afeminada. (Trecho de Coytada¹⁷)

Tu vem me dizer / Que só trepa com homem bombado / Apenas pare, querida / Vem fuder com os vyado / Você sabe, eu não sou sarada / E nem faço academia / Mas arraso numa cama / Inventando pornografia / E se tu me desse bola / Eu dava / Eu dava dava / Eu dava mas te comia / Mas eu sei que tu só gosta / De boy viril, glamuroso / Vem aqui me dá uma chance / E vamo fuder gostoso. (Trecho de Pare Querida¹⁸)

As noções que competem as articulações e discussões entre sexo/gênero incluem, em seus processos normativos, as identidades e desejos sexuais, bem como as representações da sexualidade humana aceitável no campo social. Nessa chave de pensamento, a constituição subjetiva de cada pessoa é alimentada, reforçada, conduzida, apreendida e encaminhada por aparatos e filtros das normas e dos valores morais. “Não inventamos sozinhos nossas fantasias sexuais, nem nossa repressão sexual. As representações sobre a sexualidade nos revelam o que a sexualidade humana é e como ela *deveria ser*” (SIMÕES, 2009, p. 153).

Dessa forma, argumenta Júlio Assis Simões (2009), a sexualidade é um tema público, social e político por excelência, além de demonstrar uma organização flexível, é “uma *produção histórica e cultural*, aberta à mudança, à variação, ao inesperado” (SIMÕES, 2009, p. 190, grifos do autor). Sustentando esse debate, nos anos 1970 – década com uma acentuada presença dos movimentos homossexual e feminista, ressaltando o debate sobre o lugar da sexualidade na construção da hierarquia social e política – Michel Foucault (1926-1984) publicou, em 1976, o primeiro volume (*A vontade de saber*) da obra *História da sexualidade*, apresentando uma densa investigação genealógica entre a sexualidade, o conhecimento e o poder.

Foucault trabalha com a ideia de “dispositivo da sexualidade”, ou seja, uma elaboração complexa e arquitetônica, reunindo discursos e práticas sociais (como medicina, educação, direito, psicanálise, psiquiatria, demografia) para controlar, vigiar, normatizar e disciplinar a atitude e o comportamento das pessoas de acordo com seu sexo.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4W8jlyLK5LA>>. Acessado em: 20/11/18.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FkvAQfZ1MSk>>. Acessado em: 20/11/18.

dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. [...] O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1988, pp. 100-101).

Através de uma rede de mecanismos entrecruzados, as reflexões que englobam a heterossexualidade compulsória (Rich [1980] 2010) como um regime político-social modelam a sociedade heteronormativa¹⁹ e tradicional, com regulações sexuais e de gênero, mantendo desigualdades de toda ordem, frequência e intensidade, principalmente ao reconhecimento identitário de pessoas cuja sexualidade/gênero/desejo não se adequam as normas vigentes dentro das prescrições “aceitáveis”. No entanto, observando o período histórico de movimentos, como os liberacionistas feministas e *gays*, que ganharam força com a Revolução Sexual, incorporou, em suas militâncias, a corrente *queer* como uma crítica potente à hegemonia hetero-cultural.

Estranho, esquisito, incomum, indesejável, raro, desviante, anormal, abjeto. As denominações que acompanham e decifram a palavra inglesa *queer* estão alocadas em inúmeros xingamentos, ofensas e injúrias. O excêntrico que não deseja ser “integrado” ou “tolerado”. Corpos estranhos e abjetos (Butler 2014, 2015) que, ao mesmo tempo que provocam um incômodo, demonstram uma estética radical de vivência.

O termo *queer*, traduzido²⁰ livremente por “bicha” ou “sapatão”, com alto teor pejorativo, foi assumido por intelectuais, pesquisadoras e pesquisadores dos estudos pós-coloniais e culturais, dos saberes subalternos e militantes, com o propósito de subverter esse termo, constituindo uma tentativa de recuperação da palavra e revertendo sua conotação negativa e excludente original. “Queer”, então, se define contra o “normal” ou normatizador. E a amplitude desses estudos, assim como sua proposta de uma política da diferença, garante uma relevância extraordinária contemporânea, bem como a formação dos sujeitos, regulações e campos de disputa. Richard Miskolci (2016) analisa as origens históricas do *queer* a partir de reverberações dos movimentos críticos associados à contracultura que, na década de 1960, foram chamados de “novos movimentos sociais”. Aliando a luta por

¹⁹ Sobre heteronormatividade ver Miskolci (2016).

²⁰ É possível encontrar, em algumas literaturas, outras traduções brasileiras para os estudos *queer*, como “estudos transViados” (Bento, 2009), “teoria cu” (Pelúcio, 2014), “cuír/kuir” (Ferreira, 2016).

desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer, e a criação de obras acadêmicas importantes em vários países, a Teoria Queer cristaliza na segunda metade de 1980, nos Estados Unidos, com o surgimento da epidemia da Aids.

A epidemia de aids mostrou que, na primeira oportunidade, os valores conservadores e os grupos sociais interessados em manter as tradições se voltaram contra as vanguardas sociais. Daí parte do movimento gay e lésbico ter se tornado muito mais radical do que o anterior, criticando os próprios fundamentos de sua luta política. A aids, portanto, foi um catalisador biopolítico que gerou formas de resistências mais astutas e radicais (MISKOLCI, 2016, pp. 23-24).

A partir do final da década de 1980, com a disseminação do conceito de gênero e a incorporação das ideias de Michel Foucault sobre uma analítica de poder, a nova política de gênero começa a modificar a forma de conceber a luta política, apontando como a cultura e suas normas heteronormativas criavam sujeitos e desejos. Assim, o termo “Teoria Queer” foi cunhado por Teresa de Lauretis, em 1991, como um rótulo que buscava encontrar o que há em comum em um conjunto disperso de pesquisas (Miskolci, 2016), tendo como perspectiva o gênero relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e no interior de cada sociedade.

A sexopolítica (Preciado, 2011) e as relações de poder ganham notoriedade na teoria *queer* por fomentar o confronto com uma integração heterossexual, garantindo um teor excêntrico, perturbador e transgressor, mas também uma reivindicação de uma singularidade corpórea e seu respectivo desejo e identidade. A subversão, então, nasce na ordem compulsória do sexo/gênero/desejo e ultrapassa os processos de construções identitárias, modeladas por regras e códigos meticulosos que sustentam o sistema sexual. Esse horizonte de possibilidades e a dinâmica da construção discursiva de gênero e de sexualidade, estabelece contextos sociais em mutação, (trans)formação e descobertas significativas de pluralidades de desejos e identidades.

O confronto às normas regulatórias é atravessado, como observamos, em toda a extensão artística-musical de Linn da Quebrada. Através de seu discurso e de suas letras, a artista promove um espaço de potência, de redes de afeto, de constante desconstrução e criação de (outros) desejos, além de evidenciar o corpo, o desejo e a estética como pertencentes ao espaço político em contínua fricção. A “grande blasfêmia é não precisarmos do macho. O macho ao qual me refiro não é o

homem, mas é a posição política, social e comportamental de um determinado homem, esse macho” (QUEBRADA, 2018, p. 87). Dessa forma, nesse processo de agência e enfrentamento políticos, a artista transborda e transmuta, em seu corpo, formas de uma vida criativa, além de outras (possíveis) existências – e resistências.

Analisar a cena musical atual e a emergência de artistas que utilizam as interfaces digitais para divulgar seus trabalhos, assim como pesquisar as intersecções de gênero, raça, identidade sexual e contextos periféricos que transitam, sobretudo nos manifestos, engajamentos e provocações pautados em tantas/os artistas, são elementos que exaltam a potência política contracultural, resultando em produções musicais dissidentes na contemporaneidade, ocupando/invadindo/apropriando do fenômeno *fazer musical* para (re)criar novas possibilidades de existência.

Considerações finais

É interessante acompanhar, sobretudo na contemporaneidade, um crescimento expressivo de artistas que contestam e problematizam sistemas binários e normativos que competem às noções socioculturais e políticas de gênero e sexualidade.

Nessa ideia, notamos o aparecimento de reformulações artísticas – aqui observadas sob a ótica musical – que denotam potencialidades políticas de sujeitos ativos, de visibilidade, possibilidade de existência, além de “confrontar a hegemonia branca heteronormativa pelo campo simbólico” (MOREIRA, 2018, p. 22). Assim, esse movimento musical em ascensão – que já foi chamado de MPBTrans, movimento Transviado, MPBeau e MPBixa – provoca uma ruptura estética, ultrapassam as fronteiras de gênero e de performances corporais centralizadas no debate político. “É um movimento espontâneo, que pipoca por todos os lados, da margem para o centro, e não tem meias palavras ao colocar o dedo na ferida da sociedade” (MOREIRA, 2018, p. 20).

Sobre a denominação desse movimento, em especial o MPBeau (a união de MPB com *beau* – bonita, em francês), Linn da Quebrada comenta:

Minhas principais referências artísticas são as pessoas ordinárias do cotidiano, são as travestis, as bixas, as trans que fazem parte da minha vida. É para elas o material que produzo. Ouço muito a galera dessa

geração de agora, As Bahias e a Cozinha Mineira, Liniker, Tássia Reis... Tudo o que ouço hoje mexe com os pilares do que construo agora. Essa MPBeau, como algumas de nós chamamos, é feita também por outras pessoas que talvez a mídia não tenha tido a capacidade e o interesse de olhar. A lente é restrita, mas acho que o movimento popular das *beau* é muito maior do que se consegue captar (QUEBRADA, 2018, p. 86).

Avaliar as produções dessa artista – e de tantas/os outras/os que emergem em plataformas digitais e midiáticas – é uma forma de compreender novas estéticas, resistências, existências e linguagens que confrontam o rigor do sistema heteronormativo. Em um país que registra altos índices de violência, agressão e assassinato às pessoas LGBT²¹, a música mostra-se, mais uma vez, um caminho – e também um movimento – de ressignificação dos espaços e dos corpos, bem como um enfrentamento aos padrões hegemônicos. Movimento este que ultrapassa barreiras, transcende territórios, desestabiliza normas, desarranja identidade, promovendo, assim, um campo plural – e livre.

Assim, à guisa de conclusão, é possível localizar no álbum *Pajubá* (2017) articulações bem marcadas entre gênero, sexualidade, desejo, corpos ocupados no espaço feminino, de afeto, de corpos preteridos, de redes de linguagens e de invenções de verdades. Tendo sua “pele preta como manto de coragem”, como ela canta no *single* “Bixa Preta” (2017), Lina era “desprezada por ser preta, por ser pobre e ainda mais por ser afeminada” (QUEBRADA, 2018, p. 77). E, nesse processo de ressignificação de marcações marginalizadas, Linn da Quebrada propõe uma interessante agência de experienciar o feminino em seu corpo, de explorar afetos, de reconhecer diversas formas de mulheridades, de ocupar um lugar de transição, abandonar desejos pautados em binarismos e recriar vivências e potências em uma rede ampla e diversificada de “bixas travestys” ou de “transviadas”, como ela chama.

Referências bibliográficas

Livros e artigos consultados:

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

²¹ Segundo o último relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), 445 LGBT+ morreram no Brasil (incluindo três nacionais mortos no exterior) em 2017 vítimas da homotransfobia: 387 assassinatos e 58 suicídios. Um aumento de 30% em relação a 2016, quando registraram-se 343 mortes (Relatório 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acessado em: 16/03/18).

BENTO, Berenice. Prefácio. In: PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 151-172.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405-427, jul.-dez, 2013.

FERREIRA, Glauco Batista. ‘Arte *Queer*’ no Brasil? Relações raciais e não-binarismos de gênero e sexualidades em expressões artísticas em contextos sociais brasileiros. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Santa Catarina, v. 2, n. 27, p. 206-227, dezembro, 2016.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve – Revista do Nu-Sol**, São Paulo, n. 5, p. 260-277, 2004. (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP)

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 201-246, jan.-jun, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 07-34.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. (Série Cadernos da Diversidade)

MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes transcendententes**: os novos gêneros na música brasileira. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

NAVES, Santuza Cambraia. **A canção brasileira**: leituras do Brasil através da música. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus** – Revista de Estudos Indisciplinares em Gênero e Sexualidade, Salvador, v. 1, n. 1, p. 68-91, mai.-out, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Gênero, a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009, p. 116-148. (Coleção sociedade em foco: Introdução às ciências sociais)

PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado, por Jesús Carrillo. **Revista Poésis**, Niterói, Rio de Janeiro, n. 15, p. 47-71, julho, 2010. (Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense)

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan.-abr, 2011.

QUEBRADA, Linn da. Bixa, Preta TRÁ TRÁ TRÁ e Transviada. In: MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes transcendentas**: os novos gêneros na música brasileira. São Paulo: Hoo Editora, 2018, p. 74-88.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas** – Estudos Gays: gêneros e sexualidades, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 5, p. 17-44, jan.-jun., 2010.

SIMÕES, Júlio Assis. A sexualidade como questão social e política. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 150-192. (Coleção sociedade em foco: Introdução às ciências sociais)

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 75-98, jan.-jun, 2014.

Revistas, sites e vídeos consultados:

FERA, Marco Antonio. Desconstrução de Gênero. **Pretinho Mais Que Básico**, YouTube, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ka13EI9EYow>>. Acesso em: 11/04/18.

QUEBRADA, Linn da. **Site**. Disponível em: <<https://www.linndaquebrada.com>>. Acesso em: 11/09/2018.

KICKANTE. **Campanha**. Disponível em: <<https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>>. Acesso em: 20/11/18.

QUEBRADA, MC Linn da. Enviadescer – Clipe Oficial. **YouTube**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>>. Acesso em: 11/11/2018.

QUEBRADA, MC Linn da. Talento – Clipe Oficial. **YouTube**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hkAHuRPGgNk>>. Acesso em: 11/11/2018.

QUEBRADA, MC Linn da. Bixa Preta – Áudio Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>>. Acesso em: 11/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. Pirigoza – Áudio-Vídeo Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7kZ4Xh0mhik>>. Acesso em: 20/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. (Muito +) Talento – Áudio-Vídeo Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jZ19E9OJ6n8>>. Acesso em: 20/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. Bixa Travesty – Áudio-Vídeo Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=re0ZRpQbhdI>>. Acesso em: 20/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. Transudo – Áudio-Vídeo Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OKjx_IICGUK>. Acesso em: 20/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. Coytada – Áudio-Vídeo. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4W8jlyLK5LA>>. Acesso em: 20/11/2018.

QUEBRADA, Linn da. Pare Querida – Áudio-Vídeo Oficial. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FkvAQfZ1MSk>>. Acesso em: 20/11/2018.

TRÓI, Marcelo de. 'Ficou insustentável fingir que nós não existimos'. **Revista CULT**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada>>. Acesso em: 11/05/2018.